

## **CAFARNAUM E A EUCARISTIA**

**Artigo escrito por Frank Duff, publicado no livro “Maria reinará”, em maio de 1961.**

O Catolicismo insiste em que Nosso Senhor ao pronunciar as palavras “Isto é o meu corpo, etc.”, na última Ceia, pretendia dizer, exatamente, aquilo que afirmou. Os Protestantes, todavia, estão convencidos de que Ele falou apenas em sentido figurado. É, praticamente impossível, fazê-los abandonar tal ponto de vista, se nos limitamos à última Ceia. Nosso Senhor, com efeito, falou, muitas vezes, em sentido figurado. Entretanto, houve um prólogo para esta última Ceia. A narrativa, no capítulo 6 do evangelho de S. João. A discussão tem relevância definitiva sobre a questão.

No tempo de Nosso Senhor, era Cafarnaum um importante centro. Situada na costa oeste do Mar da Galileia, fora a cidade natal de São Pedro e de Santo André. Nosso Senhor ali já estivera por diversas vezes, fazendo muitos milagres.

### **A pedra fundamental da Fé**

A Eucaristia é a pedra fundamental do Catolicismo. É algo vital para nós. Negue-se a Eucaristia e todo o edifício ruirá. Pela sua força, a Eucaristia é o coração dos demais sacramentos. São Tomás fala de uma maneira extraordinária sobre a Eucaristia. Ele declara que todos os outros sacramentos dependem dela; que em si mesmo, o Batismo só é eficaz, porque representa o compromisso de receber a Eucaristia; e que se uma pessoa batizada nega, voluntariamente, a Eucaristia e recusa dela participar, esta atitude impediria o fluxo da graça santificante. Estas palavras são fortes, porém, vem, acima de tudo, de um teólogo da Igreja.

Se a Eucaristia desaparecesse, não haveria Missa, e seria difícil compreender a Igreja Católica sem a Eucaristia. De fato, se a Eucaristia desaparecesse, seria muito difícil ver o que ficaria.

Esta é uma doutrina que o protestantismo tem recusado. E, tendo recusado, nunca determinou o que deveria colocar em seu lugar. Podemos perguntar: Por que colocar alguma coisa? A resposta é: deve haver uma substituição, porque, a Sagrada Escritura, mostra que na Última Ceia, algo foi instituído, todos concordam em chamar de Sagrada Comunhão. Porém, chegando neste ponto, não há mais acordo.

Alguns procuram reduzir de tal maneira o acontecimento, que se tem a impressão de que prefeririam ficar livres dele para todo o sempre. Mas, as palavras de Nosso Senhor são por demais solenes para que possam ignorá-las. Assim, elas procuram, de alguma maneira, reproduzir a ação de Nosso Senhor naquela ocasião.

### **Rejeição significa o caos**

As diferenças entre os protestantes são grandes. Cada uma faz à sua maneira. De um lado temos os Anglicanos, por exemplo, que ultimamente “descobriram” a Eucaristia e têm, mais ou menos, aceito a doutrina católica a respeito. Noutro extremo, há cerimônias limitadas que lembram reuniões, meramente, sociais, onde se come um pãozinho e se bebe um pouco de vinho, com disposições mais ou menos piedosas. Os Adventistas do Sétimo Dia, por causa de

seus princípios antialcoólicos, substituem o vinho por suco de laranja. Para mim, o primeiro argumento, a favor do Catolicismo reside nessas infinitas variações. Para os Católicos, na verdade, só existe um argumento, a palavra da Igreja. Uma vez proclamada a verdade não há mais discussões. Necessitamos, porém, de “provas” por causa dos outros. Nossa fé deve estar fortalecida por todos os meios.

Por isso, afirmo, antes de qualquer coisa, que a negação da doutrina católica sobre a Eucaristia conduz ao caos. O caos não pode conter a verdade.

### **A Realidade deve ultrapassar o Símbolo**

Um segundo argumento, leva-nos até Moisés e ao maná no deserto. Moisés simbolizava Nosso Senhor, e o maná, sem sombra de dúvida, a Eucaristia. Desde Moisés, permaneceu viva entre os judeus a tradição de que o Messias, como Moisés, faria o maná descer do Céus.

A realidade deve sobrepujar o símbolo. Qualquer símbolo de Nosso Senhor ou da Virgem Maria foi apenas uma sombra, a representação adequada da Pessoa que prenunciava. Foi o que aconteceu com Moisés. Embora um autêntico líder, nada era diante de Nosso Senhor de quem foi um símbolo. Relacionando da mesma forma, o maná deveria ser ultrapassado por algo, infinitamente, superior. Não se trata de um prenúncio da multiplicação dos pães, porque na multiplicação existiu apenas pão, embora, milagrosamente multiplicado. O maná, é evidente, deveria simbolizar algo tão acima do pão comum, como o próprio Nosso Senhor estava acima de Moisés. A nós nos parece que nada, a não ser a Eucaristia, pode satisfazer tal condição.

Ainda mais. Quando os discípulos, em Cafarnaum, desafiaram Nosso Senhor a fazer descer dos Céus o maná que, evidentemente, não estavam eles pensando numa multiplicação dos pães, milagre realizado na véspera, mas em algo maior. Nosso Senhor respondeu dizendo que era Ele o verdadeiro Pão descido do Céu. Dizem os Protestantes que Nosso Senhor estava apenas se referindo à sua doutrina e a fé em sua Pessoa. Justifica-se tal pretensão? É o que veremos.

### **Por que a multiplicação dos pães?**

A multiplicação dos pães e dos peixes preparou o espírito para a aceitação de Eucaristia. O acontecimento foi de fato um dos mais significativos de todos os tempos. A multidão acompanhava Nosso Senhor, sequiosa de suas palavras e de seus milagres. Jesus ia realizando muitos milagres. Seguiu-O ao deserto onde, após 3 dias, estava para morrer de fome. O Evangelho fala-nos em 5.000 homens, sem mencionar mulheres ou crianças, que deveriam lá estar. Nosso Senhor foi o primeiro a se lembrar de que todos deviam ter fome, indagando antes o que havia para comer: 5 pães e 2 peixes, que um jovem havia trazido para seu consumo.

Assim, Nosso Senhor dirigia as coisas de maneira que fossem bem comprovadas. Nosso Senhor tomou-os em Suas mãos e os abençoou, multiplicando-os. Ao seu redor, movia-se um numeroso grupo de voluntários, naturalmente, encabeçados pelos apóstolos, que recebiam de Suas mãos, aquelas porções. E, independentemente da quantidade que pegassem, suas mãos estavam sempre cheias.

A multidão comeu até se fartar, sobrando ao fim, ainda 12 cestos. Assim que o povo percebeu o que estava acontecendo, relata-nos o Evangelho, proclamou: “Este é em verdade o Profeta que deveria vir ao mundo”. Podemos bem imaginar a repercussão de tal acontecimento entre

todos os presentes, os mais avisados refletindo se não seria Jesus o homem prefigurado por Moisés, que traria o maná dos céus.

O acontecimento impressionou não apenas os que foram favorecidos, mas também, aqueles que não estavam presentes. Pois, os que presenciaram o milagre, certamente, não ficaram quietos, mas, de volta aos lares, comentaram-no em todos os lugares, o que foi uma prévia, preparada por Nosso Senhor, para a histórica discussão em Cafarnaum, que se deu no dia seguinte.

### **O sermão na Sinagoga**

Depois do milagre, quis a multidão fazer rei a Nosso Senhor, então, Ele seguiu para as montanhas. À noite, quando os apóstolos navegavam para Cafarnaum, em meio a um mar tempestuoso, aproximou-se Nosso Senhor, caminhado sobre as águas. Através dessa manifestação do Seu poder divino, vemos mais um prenúncio à Sua Promessa da Eucaristia. Foi como se dissesse: Acreditem em minhas palavras, pois tenho o poder para tudo fazer. A multidão O seguia, em seus barcos, de todo estilo, e, sem dúvidas, havia uma multidão reunida do outro lado da costa. Aguçaram-se os ânimos por milagres e todos queriam ouvir Nosso Senhor falar.

Nesta ocasião, o Senhor não operou mais milagres. À multidão, que ainda O seguia, disse palavras de extrema importância. A primeira parte de Seu discurso fala-nos da fé em Sua Pessoa e em sua doutrina. Depois, no versículo 47, segundo os comentadores católicos, começa a segunda parte da sua exposição. Inicia-se com palavras que, na Sagrada Escritura, servem sempre de introdução a algo de importante: “Em verdade, em verdade vos digo”.

É melhor, porém, deixar que, em lugar de minhas pobres palavras, fale o apóstolo São João, relatando esta passagem vital, que serve de base para os católicos, tendo sido renegada pelo Protestantismo.

“Em verdade, em verdade vos digo: Quem crê em mim tem a vida eterna. Eu sou o Pão da Vida. Vossos pais comeram o maná, no deserto, porém, morreram. Mas este é o Pão que desce do Céu, para que quem dele comer não morra. Eu Sou o Pão Vivo que desceu do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. E o Pão que eu darei é a minha Carne para a vida do mundo”. Disputaram entre si os judeus, dizendo: “Como pode este dar-nos a comer a sua carne?” Replicou-lhe Jesus: “Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a Carne do Filho do Homem e não beberdes o seu Sangue, não tereis a vida em vós. Quem come a minha Carne e bebe o meu Sangue fica em mim e Eu nele. Do mesmo modo que o Pai me enviou, e como eu vivo pelo Pai, assim também viverá por mim quem me receber em alimento. Este é o Pão que desceu do Céu; não é como o maná que vossos pais comeram. Quem come este Pão viverá eternamente”.

Assim falou Jesus, ensinando na sinagoga de Cafarnaum. Muitos dos seus discípulos que o tinham escutado disseram: “É dura esta linguagem; quem a pode ouvir?” (S. João, 6, 47 a 60).

### **Ser literalmente entendido**

Dizem os Protestantes que, ao dizer tais palavras, referia-se Jesus à Sua doutrina, afirmando que Sua Carne era alimento, falava em sentido figurado. A comida não seria verdadeira, apenas simbólica.

Mas, a verdade é que Nosso Senhor não podia estar falando em sentido figurado. Por quê? Porque a expressão “comer a carne de uma pessoa” já possuía um sentido simbólico inegável e aceito por todos entre os do povo judeu. Como expressão figurada tinha um único sentido. Significava caluniar uma pessoa, falar dela de maneira pejorativa. Há inúmeros exemplos disso nas Sagradas Escrituras.

Sendo assim, temos diante de nós duas alternativas. Ou Nosso Senhor empregou aquelas palavras em sentido real e literal, ou as empregou em sentido figurado. Como acabamos de explicar, não as podia ter usado figurativamente, pois isto equivaleria a ordenar a Seus ouvintes que O traíssem, que O caluniassem, que O atacassem com palavras, que procurassem de todas as formas destruir a Sua personalidade e o Seu nome. Ou seja, aquele comportamento que, logo mais, censurará em Judas, dizendo: “um de vós é um demônio”. De modo que essa interpretação é inaceitável. Naquelas circunstâncias, seria tolice consumada.

Assim, é inaceitável, não havendo uma alternativa, não aceitar que Nosso Senhor disse simplesmente aquelas palavras em sentido literal, sentido aceito pela Igreja Católica e por todos nós. Assim, o entenderam os que ouviram. Não tiveram dúvida alguma. Nem por um segundo, imaginaram que Jesus estivesse falando de maneira figurada. Tomaram-no, literalmente, e se escandalizaram, como podemos constatar pela descrição de São João que há pouco transcrevemos: “Como pode este homem dar-nos Sua carne para comer?” Foi o que disseram.

Em relação à resposta que Nosso Senhor então lhes deu, é necessário meditarmos um momento sobre o Seu modo de proceder quando duvidavam de alguma informação Sua. Às vezes, as pessoas interpretavam mal Suas palavras e, quando tal acontecia, Nosso Senhor costumava esclarecer seus ouvintes, quase sempre antecedendo suas reflexões com aquela expressão: “Em verdade, em verdade vos digo”.

Outras vezes, por outro lado, era perfeitamente compreendido, mas faziam-lhes perguntas a respeito de suas extraordinárias afirmações. Nessas ocasiões, reafirmava o que já tinha dito.

### **Explicações de Nosso Senhor**

Em relação à reposta do Senhor, é necessário refletir um momento e explicar o método, quando suas afirmações eram mal-entendidas, o costume do Senhor era sempre explicá-las, antepondo às suas palavras, esta breve introdução: “Em verdade, em verdade vos digo...”.

Por outro lado, algumas vezes O entendiam corretamente, porém, recebiam Sua afirmação como extraordinária. Em tais casos, Ele afirmava o que já havia dito antes.

Darei alguns exemplos que já são conhecidos. Há o caso de Nicodemos. Todos se lembram daquele homem de condição social elevada que costumava ir falar a Nosso Senhor, mas não queria que a notícia se divulgasse. Em uma de suas conversas, disse-lhe Jesus: “A não ser que o homem nasça de novo, não verá o reino dos Céus”. Perguntou-lhe Nicodemos: “Como pode um homem nascer de novo sendo velho? Poderá, por acaso, voltar ao seio de sua mãe e nascer outra vez”? Tinha aceitado a verdade afirmada por Nosso Senhor no sentido material. Como não era isso o que pretendia dizer, Jesus corrigiu-o: “Em verdade, em verdade te digo, a não ser

que homem nasça de novo da Água e do Espírito, não entrará no Reino de Deus” (S. João, 3, 5). Temos aí uma notável afirmação a respeito do Sacramento do Batismo. Nicodemos interpretara mal, e Nosso Senhor esclareceu-o. Tomara em sentido literal o que fora dito só de maneira figurada. Nosso Senhor ao dizer: “nascer de novo”, falava em sentido sobrenatural. Ao ser mal interpretado, tornou claro o seu pensamento.

Outro exemplo nós temos com Lázaro. Foram contar a Nosso Senhor que estava gravemente enfermo. Este foi o comentário de Jesus: “Lázaro, nosso amigo, dorme, mas vou ao seu encontro e acordá-lo-ei” (S. João, 11,11). Ouvindo isto, os que estavam perto, disseram: “se só está dormindo, ficará bem”. Mas, como Lázaro estava morto, e Nosso Senhor falava em sono nesse sentido, corrigiu-os imediatamente: “Lázaro está morto”. (S. João, 11, 14). Poderíamos multiplicar os exemplos dessa espécie.

Darei agora exemplos contrários, isto é, ocasiões em que as palavras de Nosso Senhor foram bem compreendidas, mas provocaram reações. Foi o caso descrito no Evangelho de São Mateus, em que Jesus disse ao homem que sofria de paralisia: “Teus pecados te são perdoados (Mt., 9, 2). Muitos se escandalizaram: “Que direito Ele tem de falar sobre o perdão dos pecados? Blasfemou!” Disse-lhes Jesus: “O que será mais fácil dizer: “Teus pecados te são perdoados”, ou “Levanta-te e anda”?” É claro que, de acordo com a mentalidade dos judeus, parecia-lhes muito mais fácil dizer: “Teus pecados te são perdoados”. De modo que para provar que era capaz de tudo, do mais difícil e do mais fácil, disse Jesus à infeliz criatura prostrada junto dele: “Levanta-te, toma a tua cama e vai para a tua casa”. O homem levantou-se e se foi.

Um outro caso, foi aquele em que Nosso Senhor disse: “Vosso Pai Abraão suspirou por ver o meu dia; viu-o e se sentiu feliz”. (S. João, 8, 58), falando com Deus. Os judeus disseram: “Não tem ainda cinquenta nos e já tinha visto Abraão?” Porém, Nosso Senhor estava falando literalmente, assim, dirigiu-se a eles e disse: “Antes que Abraão existisse, Eu Sou”, falando como Deus.

É nesse contexto, ou atmosfera, que devemos examinar a atitude de Nosso Senhor. Tinham-lhe objetado “Como pode este dar-nos a comer a sua carne?” (S. João, 6, 52). Replicou-lhes Jesus: “Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a Carne do Filho do Homem e não beberdes o seu Sangue, não tereis a vida em vos”. Os judeus tinham tomado, corretamente, como Suas palavras, ao pé da letra, em toda a sua realidade e não em sentido figurado. Assim, de acordo com as normas habituais de Nosso Senhor, que explicamos anteriormente, como Suas palavras deviam mesmo ser tomadas em sentido literal. Ele as confirmou, repetiu-as várias vezes, pelo menos seis, para dar mais ênfase e, finalmente, concluiu dizendo que quem não comesse a Sua Carne e não bebesse o Seu Sangue não teria a vida eterna.

Muitos de seus discípulos disseram, então: “É dura essa linguagem; quem a pode ouvir?”. Disse, pois, Jesus, Sua última palavra: “Ninguém pode vir a Mim se o Pai, que Me enviou, não o atrair”, ou seja, sabia Nosso Senhor que era preciso a graça do Pai para que pudessem acreditar em Suas palavras.

Muitos discípulos, então, abandonaram-no. Discípulos que tinha atraído a Si com palavras divinas e feitos inacreditáveis, que se tinham esquecido de comer para ouvi-Lo, querendo até fazê-Lo rei. Sentiam-se agora aturdidos. Tal não teria acontecido se aquelas palavras tivessem sido pronunciadas em sentido figurado. Jesus não fez um gesto para retê-los, pois aquelas palavras eram reais.

**Sem ficar em cima do muro**

Se a interpretação Protestante fosse a verdadeira, bastaria a Jesus ter dito: “Não se afastem de mim. Disse tudo isso em sentido figurado. Quando falei em minha Carne, referia-me à minha doutrina”.

Tal não sucedeu. Perguntou Jesus aos doze: “Quereis vós também vos retirar?” Não se retratou, pois, de alguma forma, a situação era crítica. Será que Jesus não compreendia que os doze tinham as mesmas dúvidas que os outros? Por que não ficar calado simplesmente? Para que desafiá-los, arriscando a que também se afastassem?

Nosso Senhor não reterá os que não creem em Suas palavras. Não lhes permitirá ficar à margem. Preferiu forçar uma decisão: “Quereis vós também retirar-vos?” Tinham os doze a alternativa: ou acreditar ou partir! Se não acreditavam nas palavras do Senhor, na sua radicalidade, também eles deveriam partir.

Penso que houve um momento de reflexão entre a pergunta e a resposta. A sorte do Catolicismo pendeu um momento na balança. São Pedro, porém, falando em nome de todos, disse “Senhor, a quem iremos? Tu tens palavras de vida eterna; e nós cremos e sabemos que és o Cristo, o Filho de Deus”. Que extraordinária confissão de fé! As palavras de Nosso Senhor eram tão duras para eles, como tinham sido para os outros. Aceitaram-nas, integralmente, porque era Jesus quem lhes dizia.

### **A promessa cumprida**

Para esclarecer mais alguns pontos, voltemos àquela afirmação: “É dura esta palavra, quem a pode ouvir?” Geralmente, interpreta-se tais palavras como querendo significar que a afirmação de Nosso Senhor, era difícil de acreditar. Talvez não seja este, todavia, o sentido exato. No seu notável tratado sobre a Eucaristia, o Cardeal Wiseman acentua que as palavras na realidade tinham esta significação: “Esta afirmação é dura; quem tem coragem de ouvi-la”? Isto nos mostra como os discípulos de Nosso Senhor tomaram mesmo suas palavras no sentido literal. Entre os judeus, comer carne humana ou beber sangue humano, era crime abominável, punível pela morte. Era uma transgressão à lei de Moisés, merecendo repetidas condenações do Antigo Testamento. Foi por isso, que os discípulos acostumados com as proibições severas, protestaram.

Vemos bem, assim, que se tivesse havido uma possibilidade de tomar aquelas palavras em sentido figurado, tê-la-iam aproveitado, em vez de tomá-la num sentido que lhes parecia abominável. Nada nos Evangelhos nos faz supor que, tendo se afastado de Nosso Senhor, tais discípulos tenham mais tarde retornado a Ele. Sendo assim, temos que afastar, totalmente, do nosso pensamento a possibilidade do sentido figurado.

Cafarnaum, pode-se dizer, é a pedra fundamental em que se apoia a última Ceia. As palavras em Cafarnaum tornam-se realidade na Quinta-Feira Santa. A Eucaristia está instituída. Ouçamos o Filho Eterno:

“Enquanto estavam ceando, tomou Jesus o pão, benzeu-o, partiu-o e deu-o a seus discípulos, dizendo – ‘Tomai e comei: isto é o meu Corpo’.”

Depois, tomou o cálice, deu graças e apresentou-o a eles dizendo: “Bebei todos dele, porque isto é o meu Sangue, da nova aliança, que derramado por muitos, em remissão dos pecados” (Mt, 26, 26 a 28).

São palavras do Evangelho de S. Mateus, que encontramos também em São Lucas, e, ainda em São Paulo.

É essencial notar que as palavras de Nosso Senhor, “Isto é o meu sangue do Novo Testamento”, ecoa e completa a frase semelhante que Moisés usava no Antigo Testamento, com o sangue das vítimas. Diz-nos São Paulo (Hebreus, 11, 19-20): “Com efeito, depois de anunciar ao povo todos os preceitos da lei, tomou Moisés o sangue dos novilhos e cabritos, bem como a água e a lã purpúrea e o hissopo, e aspergiu o livro e todo o povo, dizendo: “Este é o sangue do testamento que Deus vos ordenou”.

Como conciliar a interpretação do Protestantismo com tudo isso? Nosso Senhor está falando, na qualidade de Messias, sobre o aperfeiçoamento da Velha Lei e início da Nova, a realização das profecias e a oferta da Vítima, o derramamento do sangue do Cordeiro de Deus e a transformação de Sua Carne em alimento. Supor que tudo isso não passa de uma pequena cerimônia piedosa que equivaleria hoje em dia a uma espécie de chá das 5 horas, seria admitir algo de grotesco e de chocante, dentro do sagrado drama da Redenção.

“Tomai e comei... meu Corpo. Bebei todos... o meu Sangue”. Não há mais, agora, na Última Ceia, objeções, murmúrios, protestos e divisões, como acontecera em Cafarnaum. O que vemos? Aquilo que vemos cada dia junto a nossos altares: um grupo de pessoas, cheias de fé, recebendo o Pão da Vida, o próprio Cristo.

Para os Apóstolos, não poderia haver mais dúvida alguma depois de Cafarnaum. Todos aqueles que duvidam da doutrina sobre a Eucaristia deveriam, também, ler e meditar a passagem do Evangelho de S. João que nos relata o episódio de Cafarnaum.